

O Clube de Gravura de Porto Alegre e o desejo de realizar uma arte para o povo

Talitha Bueno Motter

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

O Clube de Gravura de Porto Alegre (CGPA) encontrou na cultura gaúcha sua principal temática. Seus membros vislumbravam no artista uma função social. Segundo Carlos Scliar (1954), um dos fundadores do Clube, o CGPA objetivava que suas gravuras fossem encontradas em todos os lares, para que assim transmitissem um conteúdo de confiança na vida e na luta do povo gaúcho. O presente artigo, a partir dos conceitos de arte popular abordados por Vázquez (2010) e Canclini (1984), reflete sobre as aproximações e afastamentos da produção do CGPA de uma arte verdadeiramente popular.

Palavras-chave: Arte Popular, Gravura, Clube de Gravura de Porto Alegre.

Abstract

The *Engraving Club of Porto Alegre* (“Clube de Gravura de Porto Alegre,” or “CGPA”) adopted the *gaucho* culture as its main theme, and its members believed that artists have a social role. According to Carlos Scliar (1954), one of the Engraving Club’s founders, the CGPA’s main objective was to make their works present in all state’s households, so that they could convey their confidence in the people’s life and struggle. Based on the concepts of popular art developed by Vázquez (2010) and Canclini (1984), this paper discusses how well the CGPA’s works reflected a truly popular art form.

Keywords: Popular Art, Engraving, Engraving Club of Porto Alegre.



Gravura: um caminho para popularizar a arte

A técnica da gravura usualmente é associada a um caráter democrático por sua possibilidade de reprodução (ALVES, 2007), que permite estabelecer um custo baixo por cada impressão. O Clube de Gravura de Porto Alegre (1950-1956), inspirado no modelo do *Taller da Gráfica Popular* do México (SCARINCI, 1982), também vislumbrou na gravura um meio de popularizar a arte e de transmitir suas mensagens para um público mais amplo. Conforme texto de Carlos Scliar, um dos fundadores da agremiação, escrito para a revista Horizonte¹:

É propósito do Clube dos Amigos da Gravura não só o desenvolvimento dessas técnicas entre os nossos artistas, como a divulgação do gosto pela gravura entre camadas cada vez mais vastas de nosso povo. Pela sua própria técnica é a gravura, de todas as artes plásticas, a que está economicamente mais ao alcance do público. (SCLIAR, 1952, p. 1).

Porém, como afirma Aracy Amaral (1987), no caso dos clubes de gravura brasileiros², a circulação da produção estava limitada aos associados, e não ocorreu em grande escala como no México. Tal restrição prejudicou, em parte, o cumprimento do objetivo de aproximar a arte do povo, de forma que as ideias transmitidas possibilitassem um desenvolvimento social (ALVES, 2007).



1 A revista Horizonte, periódico vinculado ao Partido Comunista Brasileiro, foi causa inicial da fundação do CGPA, em princípio chamado Clube dos Amigos da Gravura. Vasco Prado e Carlos Scliar, seus fundadores, receberam do Partido a tarefa de reorganizá-la, em conjunto com outros militantes, e para auxiliar no seu financiamento o Clube foi criado (GONÇALVES, 2005). Além desse auxílio, seus artistas contribuíram com muitas ilustrações para a revista.

2 No início dos anos de 1950, germinaram clubes de gravura em diversos locais do país. Além do CGPA, pode-se citar o Clube de Gravura de Bagé (RS, 1951), o Centro de Gravura do Paraná (1951), o Clube de Gravura de Santos (SP, 1951), o Clube de Gravura de São Paulo (1952), o Clube de Gravura de Recife (PE, 1953), ligado ao Atelier Coletivo de Recife (1952) e também o Clube de Gravura do Rio de Janeiro (c.1952). Suas atuações se assemelham, não só por causa da prática da gravura, mas pelo apoio recebido do PCB e, ainda, pela influência que o CGPA teve sobre a criação dos demais grupos.





Figura 01 – Vasco Prado, *Gaúchos acorados*, 1951, Linoleogravura, 14,6x17cm (GRAVURAS, 1952, p.6).

Mas, a temática, também foi uma forma de seus artistas buscarem essa proximidade, representando trabalhadores tanto do campo quanto da cidade, o cotidiano da campanha gaúcha ou mesmo sensibilizando a população para temas relativos à Campanha Mundial pela Paz ocorrida na Guerra Fria, por exemplo. Em artigo sobre o Salão da Associação Francisco Lisboa de 1951, na revista *Horizonte*, a inspiração na realidade local é destacada nas seções de Gravura, Desenho e Artes Gráficas, nas quais os integrantes do CGPA participaram, demonstrando essa preocupação já em 1951.

Demétrio Ribeiro (1951, p. 307), nesse mesmo texto, valoriza os artistas que “se aproximam da realidade que os cerca”, e, dessa forma, do povo e coloca que o “artista revolucionário sente a necessidade de exprimir o que há de essencial no momento atual, o que há de novo, aquilo que distingue a nossa época das demais etapas da história”. Essa produção artística, preocupada em trazer os anseios do povo de uma época, relaciona-se com o conceito de arte popular, desenvolvido por Adolfo Sánchez Vázquez, filósofo e estudioso de Marx.

Arte popular e o Clube de Gravura de Porto Alegre

No livro “As ideias estéticas de Marx” (1ª ed. 1965, México), Adolfo Sánchez ressalta as possibilidades de mistificação do termo arte popular. Muitas vezes, essa expressão

cem remeter a este segundo engano sobre o que seria arte popular – a inserção do “povo” apenas através de sua imagem. Como é o caso de “Obra”, de Gastão Hofstetter, que possui uma linguagem objetiva e acaba explorando pouco das possibilidades da gravura (Figura 02). Hofstetter retrata dois trabalhadores se alimentando, com uma construção ao fundo, a perspectiva linear está presente, mas não há a formação de texturas internas às formas, apenas no fundo, próximo à fiação elétrica, e um pouco no chão podem ser vistos os vestígios dos cortes sobre o linóleo. A denúncia da miséria dos obreiros é clara, seus pés estão descalços, alimentam-se mal; e mal pagos constroem as estruturas indicativas do progresso nas cidades – os prédios. Essa gravura é um dos exemplos que indicam a influência do realismo socialista na obra dos artistas da agremiação.

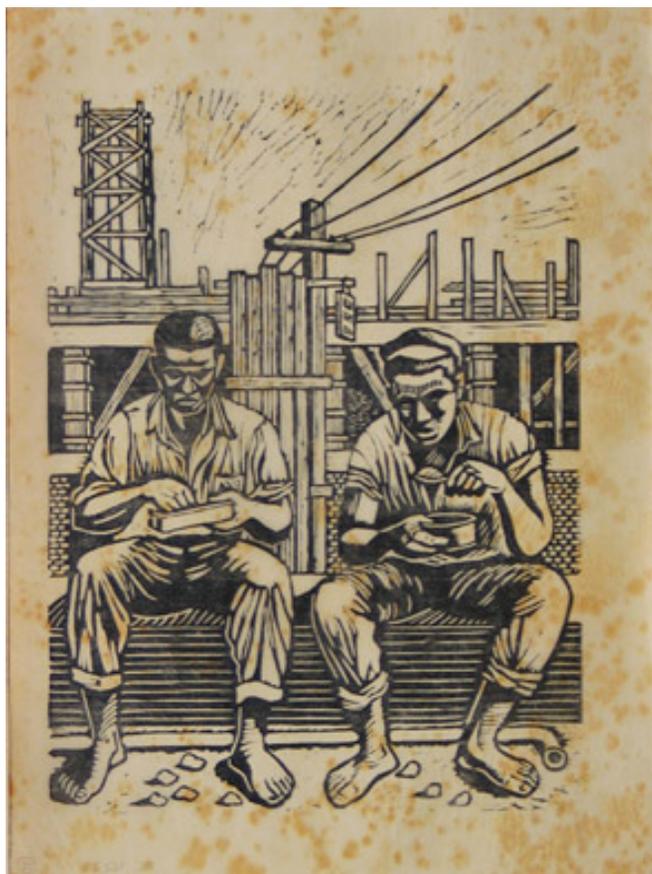


Figura 02 – Gastão Hofstetter, *Obra*, 1952, Linoleogravura, 31x22cm. Disponível em: < <http://www.pinacoteca.org.br/>>.

Segundo Vázquez (2010), o realismo socialista, surgido em meados dos anos de 1930, partiu do princípio de que o artista, dentro de uma concepção marxista-leninista, deveria assumir uma nova atitude diante do homem e das coisas; e a nova realidade só

poderia ser refletida artisticamente se fosse vista através de novos olhos. Entretanto, a estética do realismo socialista estabeleceu-se com normas e modelos, e eliminou a possibilidade de experimentação formal. As obras realizadas a partir de seus preceitos deveriam ser acessíveis e didáticas, “funcionando em diversos aspectos como uma arma de publicidade e propaganda para a liderança política” (WOOD, 1998 *apud* GONÇALVES, 2005, p.59).

Carlos Scarinci chama a atenção para o fato de que o CGPA estava inserido em um contexto maior, no qual intelectuais do mundo inteiro seguiam as diretrizes do realismo socialista e objetivavam “uma arte voltada para o povo e para seus problemas, acreditando na eficácia instrumental da arte para mudanças da sociedade” (1982, p.102). Objetivos que concordam com a concepção de Canclini de uma obra de arte com caráter popular, o qual pode ser identificado na produção artística que expressa a “consciência compartilhada de um conflito” (CANCLINI, 1984, p.77) e que contribui para superá-lo.



Figura 03 – Carlos Scliar, *Assine o apelo*, 1952, Linoleogravura, 24x21cm (GRAVURAS, 1952, p.35). Gravura capa da revista: *Horizonte*, Porto Alegre, Nova Fase, Ano II, n°5, maio 1952.

O Clube de Gravura de Porto Alegre durante a sua existência auxiliou na campanha de assinaturas por um pacto de paz, incentivada pelos partidos comunistas de diversos países. No período da Guerra Fria, a luta pela paz correspondia ao anseio de muitos, fato que se comprova com o número de 400 mil assinaturas obtidas em Porto Alegre, durante dois meses de campanha. A cidade, nessa ocasião, possuía um total de 800 mil habitantes (SCLIAR, 1982 *apud* AMARAL, 1987).

A arte popular estabelece uma relação com a política, pois expressa os interesses e aspirações de um povo, mas o artístico não deve se dissolver no político (VÁZQUEZ, 2010). A produção de gravuras realizadas com a temática da paz mundial foi ampla, assunto de acordo com as “aspirações de um povo”. A exploração da linguagem da gravura, nesses casos, presou por uma representação direta com grande poder comunicativo, mas isso nem sempre significou a ausência do fator artístico, como no caso da gravura “Assine o apelo” de Carlos Scliar (Figura 03). A imagem é impactante e essa sensação é reforçada pelo alto contraste das cores, o verde marca a sombra sobre a face e o branco o lado direito do rosto. O olhar voltado para o alto impele o observador a assinar por um pacto de paz. Sobre essa imagem Diego Rivera (*apud* PONTUAL, 1970, p.87) declarou em 1953:

Quanta simplicidade! Que pureza de emoção! Ninguém se negará a assinar o apelo de Paz. Sente-se o ardor interior que impulsiona e isso aumenta a sua beleza plástica. Está aí um exemplo perfeito do papel da obra plástica com conteúdo político claro, singelo e forte.

A escolha por uma linguagem que possibilite a comunicação com um público maior pode, às vezes, significar o rebaixamento do valor estético da arte, o caminho mais fácil de conexão entre o povo e o artista. A arte, no entanto, não deve ser hermética, dirigindo-se a um público privilegiado (VÁZQUEZ, 2010). A produção artística denominada verdadeiramente popular não é nem de massas, nem minoritária, e sim

[...] para todos os homens que sentem a necessidade de uma apropriação humana das coisas e que encontrem na relação estética uma forma de satisfazer profundamente essa necessidade, e no objeto estético, uma utilidade humana. (VÁZQUEZ, 2010, p.246).

Conforme Canclini (1984), um dos indicadores falsos de arte popular é o número de espectadores.

O Clube de Gravura de Porto Alegre utilizou-se dos canais usuais para divulgação de sua produção, como salas de exposição e salões, assumindo nesse sentido um caráter

Arte para o povo: houve um desencontro?



Figura 05 – Fotografia da mostra “Por uma Arte Nacional” (CASTILHOS, 1955, p.12).

No ano de 1955 o CGPA realizou a mostra “Por uma arte nacional” no Parque Farroupilha (Figura 05). A exposição objetivava verificar como o povo percebia as gravuras do Clube, que “se esforçou por uma arte inteligível para as mais amplas camadas populares” (CASTILHOS, 1955, p.12). O visitante, a partir de uma cédula, podia escolher, dentre os 55 trabalhos expostos, quais lhe agradavam mais. O número de quatro mil votos foi extrapolado, e a gravura “Fim de Jornada” de Glênio Bianchetti recebeu o primeiro lugar (SCARINCI, 1955).

A partir dessa experiência e de muitas outras exposições, que foram organizadas pelo Clube de Gravura, além da constante divulgação de sua produção na revista *Horizonte*, é impossível não concluir que essa agremiação ampliou o público da gravura localmente. Conforme Canclini (1984), um dos critérios para a socialização da arte é a extensão dos consumidores atingidos. A arte para cumprir sua função social necessita do contato com o público e a gravura por seu caráter reprodutível, em que cada impressão, não deixando de ser um original, aumenta os pontos de contato direto com a obra. Segundo Vázquez:

Artista e povo se procuram e não se encontram; algumas vezes – as mais frequentes – é o povo que procura e não o encontra; outras

Referências bibliográficas

ALVES, Cauê. Reprodutibilidade e democracia: reflexões sobre o Clube de Gravura do MAM, sua história e o sistema da arte. In: *Clube de Gravura: a história do Clube de Colecionadores do MAM*. São Paulo: MAM de São Paulo, 2007, p.133-143.

AMARAL, Aracy A. *Arte para quê? : a preocupação social na arte brasileira, 1930-1970: subsídio para uma história social da arte no brasil*. 2ª ed. São Paulo: Nobel, 1987.

ARANTES, Antonio A. *O que é cultura popular*. 6ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984. (1ª ed. 1981)

CANCLINI, Néstor G. *A socialização da arte: teoria e prática na América Latina*. 2ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1984. (1ª ed. 1977, México)

CASTILHOS, Raul. Uma exposição no Parque da Redenção em que o povo foi o juiz. *Folha da Tarde*, Porto Alegre, 8 out 1955. p. 12-13.

CAVA, Antonio et al. *O universo gráfico de Glauco Rodrigues*. Rio de Janeiro: Caixa Cultural, 2011. Catálogo de exposição do artista Glauco Rodrigues.

COELHO, Teixeira. Dentro do traço, mesmo. In: _____. *Dentro do traço, mesmo*. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2009, p.9-20.

GONÇALVES, Cassandra de C. A. *Clube de Gravura de Porto Alegre: Arte e Política na Modernidade*. São Paulo: USP, 2005. 163 f. Dissertação (Mestrado em História da Arte) – Programa Interunidades em Estética e História da Arte, USP, São Paulo, 2005.

GRAVURAS *Gaúchas*: 1950-1952. Rio de Janeiro: Editora Estampa, 1952. Edição especial de 120 exemplares, e edição pela Editora Estampa de 5000 exemplares.

HERSKOVITS, Anico. *Xilogravura: arte e técnica*. 2. ed. Porto Alegre: Pomar, 2006.

HOLFELDT, Antonio; MORAES, Angélica de; WEBSTER, Maria. H. Grupo de Bagé III – A necessidade de se preservar a vida em todos os lugares e manifestações. *Correio do Povo*, Porto Alegre, p.15, 18 set. 1976.

IMPRESSÕES: panorama da xilogravura brasileira. Porto Alegre: Santander Cultural, 2004 p.69. Catálogo de exposição com curadoria de Rubem Grilo, período 23 de janeiro a 25 de abril de 2004.

LEITE, José A. M. *Xarqueadas de Danúbio Gonçalves: um resgate para a história*. 3ª ed. Porto Alegre: s.c.p, 2011.

PONTUAL, Roberto. *Scliar: o real em reflexo e transfiguração*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

RIBEIRO, Demétrio. O Salão de Artes Plásticas. *Horizonte*, Porto Alegre, Nova Fase nº10, p.307, out. 1951.



SCARINCI, Carlos. Uma excelente exposição de gravura. **Revista do Globo**, Porto Alegre, nº643, p. 14-15, 23 julho – 5 ago. 1955.

SCARINCI, Carlos. **A gravura no Rio Grande do Sul 1900 – 1980**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

SCLIAR, Carlos. Das Atividades e Perspectivas Do Clube de Gravura. **Horizonte**, Porto Alegre, Ano IV nº26, p. 24-25, Jan./Fev. 1954.

SCLIAR, Carlos. Notícias do Clube de Gravura. **Horizonte**, Porto Alegre, Ano II nº6, p.I-VIII, jun. 1952. (encarte especial no interior da revista)

VÁZQUEZ, Adolfo S. **As ideias estéticas de Marx**. 3ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010. (1ª ed. 1965, México)

Arquivos

Arquivo Histórico Moysés Vellinho, Porto Alegre, RS.

Arquivo João Batista Marçal História Operária, Viamão, RS.

Instituto Cultural Carlos Scliar, Cabo Frio, RJ.

Setor de Imprensa do Museu da Comunicação Social Hipólito José da Costa, Porto Alegre, RS.